

Collor prega união contra a esquerda

Candidato adverte que o País pode virar "uma Roma incendiada" se não houver pacto de centro

ROBERTO STEFANELLI

BRASÍLIA — Para evitar o avanço da esquerda, que define como uma catástrofe para o País, e eliminar os riscos de uma "conflagração" o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, prega a imediata união dos políticos de "centro" antes do segundo turno. Collor, que lidera as pesquisas de opinião mas enfrenta uma queda em seus índices, propôs anteontem à noite, em entrevista à Agência Estado, a necessidade de uma frente de forças para evitar a ascensão da esquerda.

"Se o centro não se unir, o Brasil vai se transformar, no segundo turno das eleições presidenciais, numa Roma incendiada", previu o candidato do PRN, em tom apocalíptico. O seu recado, como deixou claro, tem endereço certo: o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos. Afif lhe rouba espaço no centro e à direita, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, avança na outra ponta da disputa presidencial, como mostram os últimos levantamentos. Collor decidiu investir com mais força sobre a candidatura do PT que, segundo ele, centraliza a esquerda "burra, incompetente e retrógrada".

Ele poupa, em sua ofensiva, a outra esquerda, competente e progressista", que considera representada nas forças que gravitam em torno das candidaturas de Mário Covas, do PSDB, e de Roberto Freire, do PCB.

"Sei que muita gente do centro está jogando fichas em outro candidato pensando em acordos no segundo turno, mas não contem comigo", advertiu Collor, sinalizando para a urgência dos acordos. "Se houver um segundo turno, eu não negociarei com quem está jogando na outra candidatura", ameaçou.

O ex-governador de Alagoas acha que, se as forças de centro não se dispersassem, tudo será resolvido no primeiro turno das eleições. "Neste caso assumíamos o Palácio do Planalto no dia 1º de janeiro, ganhando três preciosos meses e evitando que o Brasil desça ladeira abaixo", imagina o candidato do PRN. Essa data de posse, para Collor, tem base em informações colhidas junto ao presidente José Sarney: ele estaria disposto a passar a faixa presidencial ao sucessor no início do ano, caso haja um vencedor no primeiro turno.

RISCO

Em conversa com políticos mineiros reunidos pelo deputa-

do Raul Belém (PRN-MG), em Uberlândia, Collor, a portas fechadas, reconheceu que o centro desunido corre o risco de não chegar ao segundo turno. Para ele, "é absolutamente impossível" que o "centro" consiga ter dois candidatos na segunda fase das eleições. "Tem gente acreditando nisto. Pensam que já têm um candidato no segundo turno e apóiam outro para negociar com um deles depois. Isto não vai acontecer", garantiu Collor.

Para reforçar sua tese, o candidato do PRN lembrou a história das últimas eleições para a Prefeitura de São Paulo. Quando Maluf — que define como um candidato de direita — assumiu a liderança das pesquisas, as forças de centro, observou Collor, ao invés de se unirem em torno dele, apostaram na candidatura de Luiza Erundina. "Essas pessoas me diziam que foi só para dar um susto. Hoje elas é que estão assustadas", afirmou Collor.

À lembrança da vitória de Erundina em São Paulo, Collor assume um tom de advertência, volta a lembrar Roma incendiada por Nero e prevê grandes problemas para o Brasil, com a eventual vitória da esquerda. "Com o centro dividido, acabará elegendando um candidato desta esquerda burra. O capital vai fugir e haverá uma conflagração no País", reforçou o candidato do PRN. "Se alguém quer pagar algum favor com o voto, que o faça em outra ocasião".

O presidente reeleito da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, Arthur João Donato, ao comentar, ontem, a possibilidade de vitória de um candidato de esquerda disse que os empresários devem respeitar as regras do jogo. "É preciso que o povo tenha sabedoria necessária para fazer uma escolha que garanta tranquilidade", afirmou. O senador Albano Franco (PRN), presidente da Confederação Nacional das Indústrias, concorda que os empresários têm de respeitar o resultado das eleições: "Acredito que a alta do ouro e do dólar está relacionada, em parte, com o crescimento das esquerdas".

Ontem, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, se mostrou muito irritado pelas declarações que Collor fez durante a apresentação de seu programa de governo na quarta-feira, acusando negociadores da dívida externa brasileira de receber "propinas". O candidato garantiu que revelaria o nome dos envolvidos quando eleito presidente.

Mailson afirmou que o candidato do PRN não tem "senso de responsabilidade" e exigiu a revelação do nome dos envolvidos nas supostas irregularidades. "Uma denúncia de tal gravidade exigiria de seu autor, se dotado do mínimo de responsabilidade, que revelasse imediatamente os nomes", afirmou o ministro.



José Paulo/AE - 11/10/89

Collor, candidato do PRN: ofensiva para unir os políticos de centro e barrar a "esquerda burra e retrógrada"